

# O Positivismo (1986)

**Ludovico Geymonat  
(1908-1991)**

Università degli Studi di Milano



GEYMONAT, L. (1986), “Il positivismo”, *Scientia*, Bolonha, v. 121, p. 1-5. Tradução para o inglês: “Positivism”, trad. I. McGilvray, *Scientia 121*: 7-11.

Tradução automática do italiano e revisada por Osvaldo Pessoa Jr., para o curso de Filosofia e História da Ciência Moderna (FLF0449), 1º semestre de 2025.

[1] I – O positivismo não é, a rigor, uma corrente filosófica bem definida, mas um movimento geral de pensamento que, tendo surgido na França por volta de 1820-30, espalhou-se na segunda metade do século XIX por quase toda Europa, não como desenvolvimento das concepções originais elaboradas pelo fundador do positivismo francês (Auguste Comte), mas como uma nova atmosfera cultural provocada, por um lado, pelo grande progresso de todas as ciências particulares e, por outro, pelo rápido estabelecimento da burguesia em estreita ligação com o fortalecimento da produção industrial.

Como é bem sabido, todos os grandes filósofos do passado, de Aristóteles a Kant, levaram a sério o problema da ciência (entendida como um tipo de conhecimento claramente superior ao comum), mas os positivistas abordam o mesmo problema de um ângulo consideravelmente diferente, qual seja, não mais procurando na filosofia o fundamento da ciência, mas inversamente fundando a filosofia na ciência. Isso significa que, segundo eles, esta não precisa mais procurar seu fundamento em algo diferente de si mesma, pois o encontra nos seus próprios sucessos teóricos e práticos ininterruptos. São precisamente esses sucessos que convencem todas as pessoas sensatas de que a ciência agora tomou o caminho certo, opondo-se ou pelo menos separando-se cada vez mais claramente da metafísica, cuja esterilidade é reconhecida.

A confiança na ciência e a rejeição da metafísica é, portanto, o que une todos os positivistas, sejam eles filósofos profissionais ou amantes de ciências particulares; e, em estreita ligação com esta confiança, uma terceira característica, o otimismo, isto é, a visão otimista do futuro da humanidade, que já não será poluída pela ignorância e por todos os males que dela derivam. São características que já se encontravam no Iluminismo, com uma clara diferença: para o Iluminismo eram motivo de crítica à sociedade do seu tempo e estímulo para modificar decisivamente a sua estrutura, enquanto que para os positivistas são motivo de conservação, ou seja, um impulso para continuar gradativamente a sociedade por um caminho agora validamente empreendido.

Outra diferença entre os iluministas e os positivistas deve ser adicionada: a ciência para a qual os interesses dos iluministas convergiram foi a mecânica racional, com suas aplicações à astronomia e à cosmologia, enquanto a ciência levada em maior consideração pelos positivistas é a biologia, com seus vínculos com a física, química e medicina.

[2] Daí a exaltação positivista do método experimental (que eles chamavam de método galileano) e o esforço para aplicá-lo também às novas ciências emergentes, como a psicologia, a sociologia, a criminologia etc. É precisamente a partir daqui que surge e se difunde uma certa tendência a confundir o positivismo com a pretensão de

explicar todos os fenômenos humanos por meio da referência direta ao corpo, estudado do ponto de vista físico-químico e do ponto de vista biofisiológico. E, como próximo passo, confundi-lo com alguma forma de materialismo, particularmente presente entre os médicos. Assim, a oposição entre positivismo e metafísica é transformada na oposição entre materialismo e antimaterialismo (em suas várias formas de idealismo, espiritualismo, irracionalismo). O positivismo passa assim a apresentar-se como a bandeira do anticlericalismo, do anti-obscurantismo, do secularismo e, como tal, é ferozmente combatido pelas várias religiões positivas [i.e. institucionalizadas]. Deve-se notar que os filósofos positivistas não são, em geral, materialistas; mas eles são considerados como tal pela opinião comum e, como tal, são combatidos por teólogos e defensores dos vários dogmas teológicos.

Ao mesmo tempo, no entanto, eles também são combatidos por materialistas dialéticos como Marx e Engels, que os acusam de serem incoerentes porque se recusam a entender o valor da dialética (transformada de uma dialética idealista à la Hegel em uma dialética materialista). De fato, enquanto o materialismo dialético se apresenta como a ideologia do proletariado, o positivismo constitui a ideologia da classe burguesa, ou pelo menos da parte mais avançada dela.

Precisamente porque está ligada à classe burguesa, às vezes tenta assumir uma posição de compromisso com as religiões tradicionais, o que a distingue, por um lado, do Iluminismo, e por outro, do materialismo dialético. Essa posição é expressa principalmente em alguma forma de agnosticismo centrado na clara separação entre os reinos da ciência e da religião, culminando na tese de que a ciência não pode dizer nada sobre os problemas fundamentais da realidade, que dizem respeito especificamente às atividades religiosas.

Resumindo: as características que unem todos os vários movimentos que se enquadram no grande leito do positivismo podem ser resumidamente explicadas da seguinte forma: confiança na ciência e rejeição da metafísica, otimismo para o futuro da humanidade, materialismo ou agnosticismo, secularismo, e ligação com o desenvolvimento da burguesia industrial.

II – Encontramos também essas características no positivismo italiano: entre elas o secularismo é particularmente acentuado, precisamente porque a cultura italiana foi dominada durante séculos pelo catolicismo. Esse secularismo caracteriza não apenas a cultura propriamente filosófica, mas também a científica e, dentro de certos limites, também a histórica e literária.

Todos compreendem que o rejuvenescimento da Itália está ligado à difusão da mentalidade positivista. É verdade que as guerras do Risorgimento resultaram na unificação política do país, mas é apenas uma unificação nominal que não pode se tornar efetiva se as estruturas da sociedade não forem fundamentalmente transformadas. E entre essas estruturas, uma das principais é representada pela escola, especialmente o ensino fundamental. Foi aqui que o positivismo alcançou seus sucessos mais notáveis contra o analfabetismo, que ainda era extremamente difundido no final do século XIX.

Alguns números são suficientes para demonstrar o quão difundido foi o analfabetismo nos anos em questão. Em 1865, o Ministro da Educação Pública relatou as seguintes porcentagens de analfabetos: para todo o território um total de 75%; na Basilicata, Calábria, Abruzzo e Campânia havia picos acima de 90%. É ainda pior para a população [3] feminina, onde 98% de analfabetos são alcançados na Basilicata e na Calábria. Geralmente, em todos os centros habitados – especialmente nas províncias – o professor primário, alimentado por uma cultura de cunho positivista, representa o polo secular oposto ao pároco da cidade. Até poucos anos antes, este último tinha o

monopólio da educação das crianças, mas agora ele o vê tirado, embora com muita cautela, pelo Estado, cujas classes dominantes querem se emancipar do domínio da Igreja.

Os principais pedagogos da época – Aristide Gabelli (1830-1891), Andrea Angiulli (1837-1890), Pietro Siciliani (1835-1885), Saverio De Dominicis (1846-1930) – eram todos positivistas: mas sua posição em relação à Igreja e, em particular, ao ensino religioso na escola primária, era tudo menos homogênea. Por exemplo, como escreve Renato Tisato, para Gabelli “a educação religiosa, adequadamente reformada, constituiria um fator de fusão social e nacional e a única forma de educação moral concebível para as massas”; para Angiulli “todos os níveis de escola e até mesmo o jardim de infância devem ser permeados por uma espiritualidade filosófico-positiva”; finalmente Siciliani chega ao ponto de negar não apenas à Igreja e ao Estado, mas também à família, “em nome da liberdade do aluno, o direito de impor suas crenças religiosas a ele”.

Através da ação exercida sobre professores e escolas, o positivismo deu uma contribuição fundamental para a constituição da nova Itália. É verdade que na época da predominância do idealismo de Gentile, muitos autores acusarão os pedagogos positivistas

“[...] não apenas de ter afirmado a tese segundo a qual os grandes problemas da sociedade poderiam e deveriam ter sido enfrentados e resolvidos essencialmente no plano da educação, mas também ter proposto um tipo de educação baseado na desespiritualização, na naturalização do aluno, reduzido a uma máquina, a um vaso passivo a ser preenchido, um instrumento a ser manobrado de acordo com leis exclusivamente biológicas” (Tisato).

Mas o próprio Tisato acrescenta que essas acusações são absolutamente infundadas, e particularmente a de nocionismo [educação baseada principalmente na transmissão de conceitos]. E conclui:

“Resistência de parte da opinião pública (daquela parte que ‘conta’), má preparação dos professores, mesquinhez do Estado em relação à escola: tudo isso não poderia deixar de levar a um esmagamento do programa pedagógico dos positivistas, à sua redução a esquemas e estereótipos elementarizados, mas com tudo isso a abordagem positivista tem muito pouco a ver!”

Podemos concluir que os méritos dos positivistas italianos para a reforma da escola foram indubitavelmente notáveis; se não deram mais frutos, não é culpa deles, mas da situação atrasada da sociedade italiana.

III – Refletindo sobre o que acabamos de dizer, podemos facilmente entender por que o positivismo italiano participou dos movimentos econômico-políticos engajados no desenvolvimento e modernização de nosso país.

Particularmente significativa foi sua participação no movimento socialista, não apenas na Itália, mas em toda a Europa, sendo que os positivistas mais autorizados apoiaram o chamado marxismo da Segunda Internacional. Reconhecemos uma posição desse tipo em Roberto Ardigò (o maior filósofo positivista italiano) e em sua escola, bem como em vários economistas, dos quais basta mencionar Achille Loria (1857-1943).

O que caracteriza o marxismo da Segunda Internacional é sua tendência ao reformismo, ou seja, a tese de que, para alcançar o socialismo, não é necessária uma revolução [4] violenta, mas reformas, desde que bem planejadas. Esta tese, que encontrou muitos defensores mesmo fora da Itália (especialmente na Alemanha), parecia particularmente adequada para concordar com a sociologia dos grandes autores

do positivismo (Comte e Spencer), segundo a qual o desenvolvimento da humanidade só pode ser implementado de acordo com leis precisas, objetivas e imutáveis.

Aqui devemos procurar a razão da aversão ao positivismo que se encontra nos marxistas da Terceira Internacional e, portanto, também nos comunistas italianos, pelo menos enquanto eles eram revolucionários. Essa aversão durou ainda mais tarde e ainda perdura hoje, não mais justificada, porém, por razões teóricas, mas sobretudo pela ignorância e, em particular, pela incompreensão obstinada do que foi o positivismo e do que ele fez.

IV – A ação dessa corrente de pensamento sobre nossa filosofia foi muito menor do que se costuma supor. Na verdade, os filósofos italianos da época, que podem realmente se qualificar como positivistas, eram muito poucos; na prática, apenas Ardigò e seus alunos, que, no entanto, após a morte do mestre, transformaram suas posições tão radicalmente que não podiam mais ser chamados assim, exceto em um sentido muito amplo. Se, por outro lado, aceitarmos falar em um sentido muito amplo, devemos reconhecer que muitos autores foram, se não positivistas, pelo menos influenciados pelo positivismo, mesmo que tenham lutado contra vários aspectos dele (como Bernardino Varisco e o filósofo-matemático Federigo Enriques).

Perguntemo-nos, portanto, qual foi o ponto mais característico do positivismo de Ardigò! Encontra-se em sua famosa tese de que o fato é divino, para ser interpretado neste sentido: o fato não depende de nós como as teorias dependem de nós.

Em outras palavras: as ideias, e as teorias constituídas por sistemas de ideias, nunca possuem uma objetividade autêntica porque estão inseparavelmente ligadas ao ponto de vista de quem as expressa; em vez disso, os fatos são objetivos, não hipotéticos, não dependendo do sujeito que os observa. Portanto, a verdade do conhecimento científico depende, inteiramente, de sua base de fatos, de sua adesão aos fatos, de encontrar nos fatos a verificação de suas posições.

Daí a imagem do empreendimento científico como um acúmulo progressivo de fatos escrupulosamente registrados. Daí a importância preeminente atribuída às ciências factuais, em detrimento das ciências puramente teóricas como a matemática, e a substancial falta de interesse no progresso, embora notável, feito naquela época também na Itália, na pesquisa sobre os fundamentos da aritmética e da geometria (por exemplo, por Peano).

Daí a tendência a interpretar a ciência como uma atividade neutra, sem vínculos com a sociedade, a filosofia, a cosmologia e a tecnologia. Quando o filósofo idealista Giovanni Gentile escreveu que a ciência não pode ter história, ele devia ter essa concepção de ciência em mente. E é precisamente com base nessa concepção que ele e seus discípulos lutarão contra o positivismo, como uma filosofia dita “científica”, e manterão, contra ela, a separação absoluta entre ciência e filosofia, ignorando as contribuições da ciência para o desenvolvimento da civilização e, em particular, as contribuições do positivismo para o desenvolvimento e modernização da sociedade italiana.

V – A primeira década do nosso século viu o declínio do positivismo em toda a Europa e, em particular, na Itália. Mas em 1920-1930 renasceu na Alemanha e na Áustria nos famosos círculos de Berlim e Viena, cujos autores (Reichenbach, Schlick, Carnap, Neurath etc.) não estavam mais ligados a Comte ou Spencer, mas ao físico e filósofo Ernst [5] Mach (1830-1916), um defensor ferrenho de um fenomenismo radical, bem como ao grande lógico e filósofo inglês Bertrand Russell (1872-1970). O neopositivismo, que constitui o desenvolvimento dos dois círculos mencionados,

também começará a ser estudado na Itália na década de 1930-1940 e especialmente após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Neste ponto, vale a pena proceder a uma breve comparação entre positivismo e neopositivismo. Ambos são caracterizados por uma exaltação decisiva da ciência e uma clara rejeição da metafísica; mas, enquanto a ciência exaltada pelo antigo positivismo era acima de tudo a experimental, a ciência em que os neopositivistas estão mais interessados é a matemática (desde o problema dos fundamentos até o de sua estrutura lógica) e com ela a física teórica (em conexão com a revolução einsteiniana e a revolução quântica). Além disso, a rejeição da metafísica segue um novo caminho, desconhecido dos positivistas do século XIX: o caminho baseado em uma análise rigorosa da linguagem em que as teses dos metafísicos são formuladas, uma análise que leva à descoberta de que essas teses são vazias de significado e os problemas relacionados a elas são, em princípio, mal colocados.

É claro que essa análise deve ser realizada usando as ferramentas mais sutis da lógica moderna, que, portanto, assume uma posição central na filosofia neopositivista. A análise acima deve nos levar a descobrir quais dados empíricos estão na base de nossas afirmações teóricas (esses dados não são considerados em seu aspecto psicológico, mas em seu aspecto linguístico, portanto, são referidos pelo termo ‘protocolos’). Esses protocolos constituem o ponto de referência ao qual se deve apelar para distinguir a ciência autêntica da pseudociência. Se a análise lógica de um enunciado nos faz descobrir que ele se refere a alguns protocolos, de modo que a presença ou ausência deles nos permite decidir se ele é verdadeira ou não, os neopositivistas afirmam que esse enunciado é dotado de significado, e neste caso surge o problema de se é verdadeiro ou falso. Se, por outro lado, não há protocolos adequados para nos fazer decidir se o enunciado é ou não verdadeiro, então os neopositivistas declaram que ele não tem sentido e argumentam que não faz sentido perguntar se é verdadeiro ou não; neste caso, é uma afirmação ‘metafísica’, isto é, ‘não científica’.

É fácil entender que alguns defeitos do antigo positivismo do século XIX também são encontrados no neopositivismo. Tal é a afirmação, por exemplo, de que se pode determinar definitivamente uma distinção entre ciência e não-ciência e, portanto, a alegação de que se podem analisar teorias científicas em si mesmas, independentemente do contexto de sua descoberta. Assim nasceu a convicção de que a ciência está fora da história, ao passo que os positivistas do século anterior acreditavam que pelo menos seu nascimento estava bem enraizado na história.

Outra tese comum a positivistas e não positivistas é a suposta “neutralidade” da ciência, ou seja, a tese de que a ciência, precisamente por ser constituída por sistemas de verdade válidos de uma vez por todas, não deve ser envolvida em paixões ideológicas ou políticas. Em outras palavras: seria uma forma de conhecimento “superior”, e precisamente por isso não misturada com a “vida” do conhecimento inferior.

Uma última característica comum ao positivismo e ao neopositivismo consiste em serem ambos os paladinos de uma cultura distintamente secular e, portanto, defensores fervorosos da racionalidade e do progresso.

São características muito marcantes, ainda mais hoje, ou seja, em um período em que estamos testemunhando uma contra-ofensiva do irracionalismo: uma contra-ofensiva que, com a desculpa de combater o positivismo, velho e novo, combate amargamente todas as expressões da razão e, em particular, a razão científica. E com o irracionalismo, que se expressa nas mais diversas formas, as forças mais retrógradas da sociedade estão, infelizmente, avançando.

L.G.